

TRABALHO

HA' tempos, o Instituto de Economia Social de Varsóvia lançou um apêlo aos desempregados de todo o mundo, convidando-os a «descreverem os seus esforços para obterem um pouco de pão e a sua situação actual». Das inúmeras respostas recebidas, algumas, consideradas mais interessantes, foram publicadas em volume por aquêlê Instituto e depois transcritas pela importante «Revista Internacional do Trabalho», acompanhadas de curiosos comentários de M. J. Rosner.

Alguns desses depoimentos têm ainda hoje uma chocante actualidade. Por isso, não resistimos à tentação de os reproduzir aqui.

«Amanhã—diz um desempregado—será de novo um dia; um dia em que encontrarei trabalho. Agarro-me sempre a este pensamento como a uma tábua de salvação. A's vezes tenho a impressão de que é o meu último laço com a vida, esta misteriosa fé no amanhã que me trará como uma nova feliz, o trabalho. O trabalho! Quero trabalhar. Esta vontade é a única coisa que possuo em absoluto e isto parece-me curioso quando reflito. Passeio sobre um abismo coberto de tábuas delgadas. Estas tábuas delgadas são a minha fé no dia de amanhã. O amanhã cria a ilusão de uma melhoria. Hoje estou na miséria, mas amanhã? A'manhã posso encontrar trabalho. Mas como? A'manhã devo encontrar trabalho, devo poder matar a fome. Devem também poder fazê-lo meu pai, minha mãe e meus irmãos. Afasto do meu pensamento que não poderei um dia saltar do meu leito, não sair de casa para percorrer febrilmente as colunas de anúncios dos jornais da manhã, que não poderei descer as ruas espiando nas montras dos estabelecimentos o anúncio: *Procura-se*. Se há em mim alguma coisa jovem, é somente isto.»

Depois de descrever a sua tragédia, a incerteza do seu futuro cheio de ilusões que nunca se chegam a realizar, este mesmo desempregado descreve também o infortúnio dos seus companheiros que, de braços caídos, vagabundeam pelas ruas:

«Um passo especial, uma marcha sem fim, um olhar errante. Param diante dos jornais afixados. Devoram com os olhos as colunas impressas em caracteres pequenos. Fixam as direcções no cérebro e no sangue, e correm. E' necessário que sejam os primeiros a chegar. Devem correr. Está nisso a sua existência.»

Esta primeira fase de uma actividade febril é então depressa seguida de um estado de pessimismo, depois da apatia. Paralelamente ao esgotamento físico resultante de uma má alimentação, apodera-se do desempregado uma depressão psíquica, quando reconhece a inutilidade de todos os seus esforços para encontrar um emprego estável. Muitas vezes, envergonha-se da sua situação; sente-se um ser de que ninguém tem necessidade. A falta de trabalho parece-lhe um sintoma de inferioridade neste mundo onde o trabalho é a única riqueza e o único meio de assegurar um lugar na sociedade. Um desses desempregados chega a reconhecer que os amigos antigos e os conhecimentos adquiridos em tempos melhores não lhe testemunham a mesma consideração. Estendem-lhe a mão com indiferença, não lhe oferecem cigarros e os seus olhos parecem dizer:—*Tu não és digno porque não trabalhas.*

Continuam ainda a ser interessantíssimos os comentários que a este propósito faz Rosner. Cedo ou tarde, cada desempregado cai na miséria extrema, durante alguns meses ou alguns anos. Os móveis desaparecem a pouco e pouco, os quartos estão sujos e frios, pouco ou nada iluminados à noite, o vestuário transforma-se em farrapos. Eis como um desses desempregados nos descreve o interior e a vida da sua casa, ocupada por uma família de quatro pessoas, sendo duas delas crianças:

(Continuação da página anterior)

está afastando o humanitarismo». É verdade, penso eu, é esta a ideia concreta de tudo aquilo que tenho lido nos meus jornais. Mundo mal feito, este, onde as criaturas se odeiam e incriminam. Entendo o que o homem quer dizer. Começo a descobrir, a vislumbrar.

Um policia vem avisar-nos de que estamos a impedir o trânsito.

—É o «Diário», o «Diário»...

Alguém me pisa as alpargatas, magoando-me os dedos.

São horas de voltar a casa. A mãe já deve estar inquieta.

Não me conformo com a ocupação de vender jornais. De

«Vivemos do que ganho fazendo capachos, que vendo em seguida de porta em porta, próximo do mercado; durante a semana vendo quinze a vinte capachos e disto vivemos. O nosso almoço tem lugar entre as onze horas e o meio-dia e compõe-se duma tijela de sopa de centeio, com azeite ou sebo e algumas batatas. Comemos pão uma vez, duas vezes o máximo, por semana. O jantar come-se entre as quatro e cinco horas da tarde e compõe-se da mesma tijela de sopa com batatas.»

E' esta a sua vida de cada dia, de cada ano. Para eles não há festas nem domingos e nem pode havê-los, porque se comem sempre as mesmas coisas. E o quadro é sempre o mesmo: a mesma miséria, o mesmo ambiente, a mesma luta pela vida. Seis horas da tarde: o quarto está escuro, todos dormem. Não, não dormem; estão deitados, ninguém diz palavra, reina o silêncio, apenas cortado, de vez em quando, pelo choro das crianças. Cada um tem qualquer angústia, sofre de qualquer coisa, está atormentado, consumido, mas não dormem, porque não podem dormir. E a noite vem, silenciosa como um túmulo, longa como a eternidade. Não dormem, porque o frio sopra e a fome devora-os. Num canto da sala está um homem que dia e noite vive curvado. Faz tranças de junco; em seguida tece-as, puxa, bate; o peito oprimido aspira o ar, o suor banha-lhe as fontes; estende os braços magros e fatigados. E' o chefe da família. Trabalha, trabalha, para acabar mais depressa todas as tranças, para partir, para ir de casa em casa apregoando os seus humildes tapetes.

Seguindo os interessantes comentários de Rosner, vejamos agora as primeiras e inocentes vítimas do desemprego: as crianças. Os filhos dos desempregados! Este assunto forma um capítulo aparte na miséria dos «chomeurs». Difícil seria descrever a luta tenaz dos pais para encontrarem pão para os seus filhinhos, os sacrifícios que fazem para os salvar.

Esta vida miserável caracterizada pelos sofrimentos morais da inacção, por humilhações constantes, pela fome e o frio, tem efeitos diferentes sobre os desempregados. Cada um reage de forma diversa. Se há alguns resignados, sobretudo os mais idosos, outros há que compreendem que a sua vida deverá ter um rumo completamente diferente.

E, contudo, a-pesar desta deprimente atmosfera, destas trágicas vidas, a leitura do Relatório do Instituto de Economia Social de Varsóvia deixa-nos sob a impressão de que uma enorme força moral retém estes homens à beira do abismo. Quanto mais se lê, maior é a convicção de que esta força é um amor profundo pelo trabalho, amor que se transforma aqui em apoteose do trabalho perdido—quasi se poderia dizer do «paraíso perdido»—tão profunda é esta adoração pelo trabalho. Tal é a conclusão de todos os depoimentos: nada mais há a dizer, tudo se torna insignificante, inútil. Só o que trabalha tem valor...

E Rosner termina os seus comentários com estas angustiosas interrogações: Quando cessaremos de ser miseráveis, todos aqueles que têm braços fortes e novos para trabalhar, o que nos permitiria viver como homens? Quando ouviremos, finalmente, apitar de novo as sirenes das fábricas para nos anunciar que há trabalho? Quando virá isto, quando?

O mundo sofre os horrores duma nova guerra. Milhares de homens abandonaram as fábricas e os campos para se irem combater. E' a destruição, a ruína, a morte: a guerra.

Quando surgirá de novo a sirene das fábricas e a alvorada de novos dias chamando os mesmos homens para a tarefa incessante das máquinas paradas e para a labuta produtiva do arado abandonado sobre a leiva fecundante da terra?

M. F.

resto, cinco anos de liceu perfazem um nível de educação a que deve corresponder um melhor ofício, um fato menos chapeado.

Amanhã, irei de novo procurar emprego. A vida vive da luta:—é preciso não desanimar.

Agora, a chuva engrossou. Os carros fogem pelo alcatroado mais rapidamente. O quadro continua a exhibir os desespêros, os ódios, as ambições do mundo. A multidão sofre.

São horas. Em casa, o caldo, deve estar quentinho. Cada vez entendo menos a «vida»...

—Olhá «República», a «República», olhá «Diário»!...

RODRIGUES FARIA.